intrínseca

Será que isso presta?

Jerry Seinfeld

Anos 70

Anos 80

Anos 90

Anos 00

Anos 10

SERÁ QUE ISSO PRESTA?

JERRY SEINFELD

Tradução de Jaime Biaggio

intrínseca

Copyright © 2020 by Bic Yellow Legal, LLC

Todos os direitos reservados
Publicado mediante acordo com a editora original Simon & Schuster, Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Is This Anything?

REVISÃO
Juliana Souza
Thaís Entriel

NUMERAÇÃO DE ÍNDICE
Anna Beatriz Seilhe

DESIGN DE MIOLO
Paul Dippolito

DIAGRAMAÇÃO
Henrique Diniz

FOTOS NO MIOLO
1, cortesia do autor; 81, Carson Entertainment Group; 203, cortesia do autor; 249, Kevin Mazur; 353, Jason Sheldon.

DESIGN DE CAPA
Jackie Seow

FOTOGRAFIAS
anos 1970, cortesia do autor; anos 1980, Paul Drinkwater/NBCU Photo Bank/NBCUniversal via Getty Images; anos 1990, Chris Haston/NBCU Photo Bank/NBCUniversal via Getty Images; anos 2000, Kevin Mazur/Getty Images; anos 2010, Mark Seliger Back

FOTOGRAFIA DE QUARTA CAPA
© Finlay Mackay/Trunk Archive

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S462s

Seinfeld, Jerry, 1954-Seinfeld, Jerry, 1954-

Será que isso presta? / Jerry Seinfeld ; tradução Jaime Biaggio. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
480 p. ; 23 cm.

Tradução de: Is this anything?
Inclui índice
ISBN 978-65-5560-176-3

1. Humorismo americano. I. Biaggio, Jaime. II. Título.

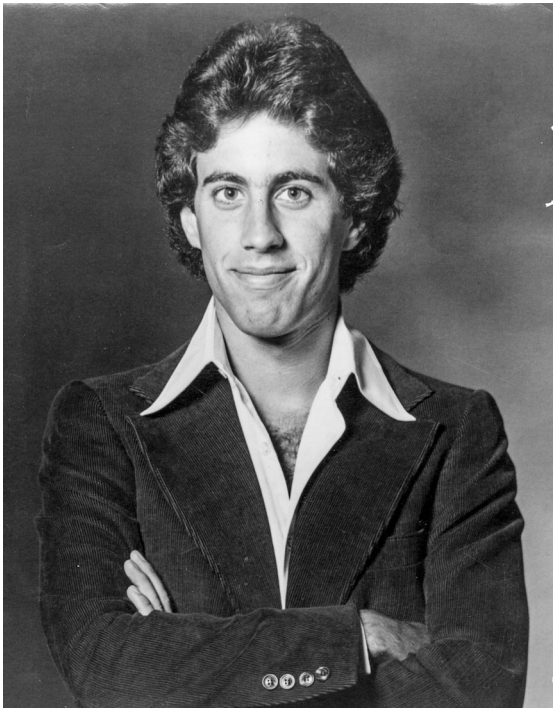
21-68620 CDD: 817
CDU: 82-7(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

12/01/2021 12/01/2021

[2021]
Todos os direitos desta edição reservados à Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 1º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

OS ANOS 1970



"Será que isso presta?" é o que todo e qualquer comediante pergunta a todo e qualquer outro comediante sobre cada nova tirada.

Ideias que vêm do nada e não significam nada.

Mas que, no mundo da comédia stand-up, podem ser verdadeiras pepitas de ouro.

Você encontra o mesmo comediante algum tempo depois e ouve a pergunta: "E aí, prestou?"

Todo comediante fica meio espantado quando alguma coisa funciona.

Imagine: eu em meados da década de 1960, no chão da sala, de pernas cruzadas, com uma tigela de cereal, a pouco mais de trinta centímetros de distância da nossa Zenith 25 polegadas, de jeans e camiseta com listras horizontais, tênis brancos de cano baixo e olhos grudados num comediante de terno escuro e gravata no *The Ed Sullivan Show*.

Eu até falava alguma coisa engraçada de vez em quando, mas tudo que saía da boca daquele cara era hilário.

De onde eles tiram essas ideias?

Eles me deixavam totalmente confuso e fascinado.

Mas nunca, jamais imaginei que poderia ser um deles.

Para mim, eram como astronautas ou atletas olímpicos.

Diferentes, uma outra casta de seres humanos.

Não fazíamos nem parte do mesmo mundo.

———

Cresci em Long Island e me lembro de em algum momento no início dos anos 1970 ouvir Vince, irmão mais velho do meu

amigo Chris Misiano, falar de um lugar em Nova York onde jovens estavam subindo ao palco e fazendo um novo tipo de comédia stand-up.

Ele disse que havia um sujeito que contava histórias tocando congas ao mesmo tempo e aí começava a chorar e a batucar no ritmo do choro!

Aquilo parecia uma loucura para a gente.

Pensávamos: *A gente precisa ver esse cara!*

Começamos então a ir à cidade, o que já era incrivelmente divertido e empolgante por si só, para ver esses novos comediantes no Improv e no Catch a Rising Star.

O tal comediante, é claro, era Andy Kaufman.

E havia um monte de outros também fantásticos.

Como Ed Bluestone, Elayne Boosler, Richard Lewis, Bob Shaw e Bobby Kelton.

Vimos até grandes astros se apresentarem nesses lugares, como Rodney Dangerfield e David Brenner.

O som das gargalhadas irrompendo da plateia nesses pequenos salões lotados era quase assustador de se ouvir ao vivo.

Como os comediantes sabiam que suas tiradas fariam uma plateia de completos estranhos rir tão alto?

Eu não conseguia entender.

Foi em 1974 que dois acontecimentos dissiparam a densa névoa suburbana que envolvia minha mente e me impulsionaram rumo a um tipo totalmente diferente de vida.

Li um livro chamado *The Last Laugh* [A última risada] e vi um filme chamado *Lenny*.

The Last Laugh, de Phil Berger, foi o primeiro livro inteiramente dedicado ao mundo da comédia stand-up.

Lenny é um filme com Dustin Hoffman sobre a vida de Lenny Bruce.

No pôster, Lenny aparece curvado sobre um microfone num clube noturno enfumaçado.

Há uma cena no filme em que Lenny Bruce está jantando tarde da noite numa cafeteria após uma apresentação que não tinha dado muito certo.

De gravata afrouxada, ainda de terno, empurra a bandeja enquanto se serve e conhece uma stripper, Hot Honey Harlowe.

Acho que essa cena foi decisiva.

A absoluta falta de glamour e/ou normalidade me deixou maluco.

Que existência totalmente peculiar e absurda.

Comediantes pareciam vagar pelo espaço e pelo tempo alheios a tudo que não fosse o som de uma risada.

Meu Deus, pensei.

Eu quero fazer isso.

Mas...

E se eu não conseguir?

E se eu não for engraçado?

Eu também me lembro de pensar:

Bom, não preciso ser tão engraçado assim.

Só preciso ser engraçado o suficiente para conseguir comprar um pacote de pão de forma e um pote de manteiga de amendoim por semana.

Eu poderia viver tranquilamente desse jeito.

Era só isso mesmo que eu comia na casa dos meus pais, afinal de contas.

E mesmo que minha vida se resumisse àquilo, já teria sido melhor do que qualquer outra que eu pudesse imaginar.

Eu ficaria mais do que satisfeito em ser um comediante mais ou menos em vez de qualquer outra opção que me viesse à mente.

É claro que eu não me dava conta disso na época, mas esta é a atitude perfeita para se lançar no universo da comédia.

Não crie expectativas. Aceite tudo.

Até então eu só havia tentado fazer meus amigos rirem.

E aquilo já não era tão fácil.

Como é que se consegue fazer rir quem a gente nem conhece?

Li em *The Last Laugh* sobre uma piada que Jimmie Walker contou certa noite no Catch a Rising Star.

A propósito, que nome maravilhoso para uma casa noturna dedicada a novos comediantes!*

É até hoje o melhor nome que já ouvi.

E o clube mais legal onde já pus os pés.

Fico feliz que tenha sido o primeiro lugar onde subi num palco para tentar a sorte na comédia.

Enfim, a piada de Jimmie Walker era que chovia tão forte em Nova York naquela noite que ele tinha acabado de "ver o Super-Homem pegando um táxi".

Achei aquela piada muito simples, mas incrivelmente engraçada.

Mas como é que alguém pensa em algo assim?

Aquilo parecia um milagre para mim.

Até hoje não sei exatamente de onde vêm as piadas. Acho que de algum coquetel emocional de tédio, agressividade, intensa

* "Apanhar uma estrela em ascensão", em tradução livre. [N. do T.]

percepção visual e uma espécie de massinha de modelar mental que nos permite pegar o que vemos e transformar no que queremos que seja.

Eu ficava muito, muito nervoso quando comecei a subir nos palcos.

Mas Jesse Michnik, Joe Bacino e Mike Castanza, que eram meus amigos do Queens College, me davam força.

Até hoje sou grato a esses caras.

Eu não era naturalmente extrovertido e não tinha qualquer necessidade de chamar a atenção.

O que eu mais gostava de fazer era sussurrar algo engraçado para algum colega que estivesse perto de mim na sala de aula, fazendo ele gargalhar do nada e se ferrar com os professores.

Tentei participar de algumas peças no colégio e na faculdade, mas só conseguia manter o interesse quando as cenas eram apenas de humor.

Também levei várias broncas por tentar fazer graça em cenas que eram para ser sérias.

Eu adorava fazer isso.

Mesmo nos primeiros anos de *Seinfeld*, eu tinha dificuldade de me concentrar em aspectos da trama da série.

Só me animava quando Larry e eu escrevíamos os diálogos e precisávamos de falas engraçadas para os personagens.

Com o passar dos anos, fui melhorando nos fundamentos que estruturam o enredo, mas continuei a achar essa parte do trabalho meio sem graça.

Mas aos vinte anos, quando comecei a frequentar os clubes de comédia de Manhattan, cada neurônio do meu pequeno cérebro estava a todo vapor.

Minha sensação era a de finalmente ter encontrado meu lugar no planeta Terra.

E não só por poder me inserir na arte da comédia, mas também por ter passado a fazer parte do mundo dos comediantes.

Tenho vários grandes amigos que são atores, roteiristas e artistas de vários tipos.

Mas, quando estou na companhia de outros comediantes de stand-up, a sensação é a de estar rolando em meio a uma ninhada de cachorrinhos.

Até hoje sinto esse mesmo entusiasmo ao entrar num clube de comédia.

E devo dizer que, em parte, também tenho a sensação de que qualquer lugar onde comediantes estejam trabalhando é um campo de batalha.

Sou totalmente apaixonado pelo claríssimo efeito de "tudo ou nada" inerente a uma performance de stand-up.

Em certos aspectos, stand-up é mais esporte do que teatro.

Talvez dê certo hoje.

Talvez não.

O verdadeiro problema, claro, é ter que justificar constantemente o fato de ser o único a falar num salão onde todos os demais estão sentados em silêncio.

E, no início, o simples ato de se colocar nesta posição — convenhamos — insustentável já é em si a confirmação de um amor febril, louco, talvez até triste.

Extrair risadas no calor do momento é coisa de doidão.

Adrenalina, dopamina, ocitocina.

A farmácia do cérebro nunca pede receita.

É como aquelas iogurterias em que deixam você mesmo apertar a manivela.

A ocitocina às vezes é chamada de “droga do amor”, pois o cérebro a libera ao receber estímulos sociais e/ou amorosos positivos.

E, vou te contar, estar sozinho num palco

sob o calor das luzes,

com um microfone ligado,

e aquelas risadas ressoando ao seu redor,

é como uma dose forte e pura daquilo que você sempre quis.

Na infância, eu era obcecado por automobilismo, surfe de ondas gigantes, paraquedismo e motocicletas velocíssimas.

Bastou um ano de comédia stand-up para perder o interesse por tudo isso.

Aprendi muito rápido que a sobrevivência nesse mundo tem tudo a ver com a quantidade e a qualidade do seu material.

Nunca conheci um comediante de stand-up que fosse totalmente sem graça.

Mas quem continuava ascendendo cada vez mais era quem dava a vida para continuar a apresentar um material novo de qualidade.

E sempre que eu conseguia bolar algo engraçado, fosse em pleno palco, em meio a uma conversa ou trabalhando em meu meio preferido, um grande bloco amarelo, guardava a novidade em uma daquelas pastas sanfonadas.

Portanto, tudo que um dia achei valer a pena separar, ao longo de 45 anos de trabalho incansável, está guardado comigo.

E tenho certeza de que foi por amar tanto meu ofício que fui capaz de dedicar tanto tempo a algumas das ideias mais bobas que você possa imaginar.

E todas elas estão aqui.

———

Olhando para trás, me dá muita satisfação ter sido bem-sucedido.

Fico feliz de ter ganhado dinheiro com isso.

Mas, sinceramente, juro que embarquei nessa em nome das risadas desde o primeiro dia, o segundo e todos os outros, inclusive hoje.

Continuo indo aos clubes toda semana.

Continuo amando burilar meu material.

E valorizo cada apresentação que faço.

E ainda fico empolgado ao conhecer e conversar com os outros comediantes de stand-up que vivem em nome dessa existência peculiar e precária.

Foi meu agente Christian Carino quem me convenceu de que as pessoas gostariam de ver este material e que deveríamos lançá-lo em um livro.

Muita gente com quem falei pareceu surpresa por eu ter guardado todas essas anotações.

Não entendo por quê.

Não entendo por que guardar qualquer outra coisa.

O que poderia ser mais valioso?

———

Nos anos 1960 e 1970, falava-se na TV sobre certos comediantes:

"E ele escreve o próprio material."

Porque se tratava de algo novo.

Comediantes como Bob Hope e Jack Benny chegavam a incluir piadas sobre seus roteiristas em seus números.

Nos anos 1960, a comédia stand-up mudou de rumo da mesma forma que a música. Nesse caso, cantores-compositores passaram a ser a norma.

Nunca trabalhei de outro jeito.

Acho que há algo de estimulante em estar no mesmo ambiente em que a pessoa de cuja cabeça saíram todas as ideias que você está ouvindo.

Meu amigo Barry Marder conta uma de minhas histórias favoritas sobre comediantes de stand-up.

Barry é roteirista, comediante e criador do personagem Ted L. Nancy.

Na década de 1980, ele ganhava a vida vendendo piadas para comediantes na Comedy Store, em L.A.

Ele cobrava 75 dólares por piada.

Quando o pai de Barry, um vendedor de materiais de construção, ficou sabendo, mal conseguiu acreditar.

"Por que alguém pagaria tanto por uma piada?", perguntou ele.

"Porque quem precisa precisa *muito*", respondeu Barry.

E precisamos mesmo.

Posso garantir: no fundo, todo comediante que você já viu se apresentar acha que o próprio material não é tão bom quanto ele gostaria que fosse.

Os maiores comediantes que você pode imaginar ainda sobem ao palco com a ligeira preocupação, bem lá no fundo, de que

o público não vá gostar do que quer que eles tenham para aquela noite.

Sempre queremos mais.

Amo profundamente o esforço interminável e um tanto aflitivo de jamais considerar meu número plenamente amarrado.

Pois não quero que fique pronto nunca.

E quando uma nova tirada se impõe e arranca boas risadas, a sensação é a de ter retornado ao início da jornada.

A sensação é a de estar começando.

E talvez você tenha de fato talento.

Amo ouvir uma risada que até então não existia no mundo.

Pois cada risada é ligeiramente diferente. Singular até.

Estas páginas, portanto, são o mapa da estrada de 45 anos que percorri para me tornar essa coisa estranha, incomum, a única que sempre quis ser.

E gostaria de poder recomendar esta experiência a vocês.

Mas é como sugerir a alguém que se torne uma iguana.

Sem os olhos insanos, a pele curtida e a língua comprida, fica difícil chegar lá.

———

Mas espero que curtam embarcar neste passeio que tem sido a minha vida ao longo destas páginas.

Só fico um pouco frustrado porque, se alguém rir de algo que leu aqui, não terei como ouvir.

Por isso hoje à noite devo estar num clube em algum lugar, diante de uma plateia.

“Porque quem precisa precisa *muito*.”

Carrinhos de bate-bate

Outro dia muito animado da minha infância foi quando fomos brincar nos carrinhos de bate-bate.

É num carrinho de bate-bate que você descobre se tem fibra de verdade.

Uma disputa brutal entre homem e máquina.

Dirigir como um ato de pura hostilidade.

Puro confronto, nenhum destino.

Se bem que é só começar a brincadeira que sempre aparece alguma criança presa no meio de um monte de carrinhos vazios.

Não consegue sair.

É o mesmo garoto que depois está lá com o funcionário pendurado em cima do carrinho, ajudando ele a dirigir.

Sempre me sinto mal quando bato em alguém que não conheço.

Fica muito parecido com um acidente de verdade.

Eu saio do carrinho, anoto a placa.

Checo o estrago.

Sempre tem alguém que se entusiasma um pouco demais.

Alguém que vive pela sensação do impacto.

Você vê que é aquele cara com a baba escorrendo no queixo.

Enfiando pai e filho de cara no muro, coitados.

Bolas de algodão

Eu gosto de mulheres.

Mas acho banheiro de mulher o lugar mais assustador do mundo.

Nem quero ver como seria tudo aquilo funcionando ao mesmo tempo.

Tem aquele espelho para elas se maquiarem.

Com aquelas luzes de avião aterrissando, uma de cada lado.

As fileiras de bobs quentes naquela cúpula de plástico.

Aquilo se coloca com a mão ou você lança direto da caixa?

Como se fossem pequenos mísseis.

Imagino que, uma vez que os bobs estão no cabelo, dê para assar batatas com aqueles trecos pontudos.

Muitas bolas de algodão também.

Mulher usa muitas bolas de algodão.

MUITAS bolas de algodão.

O que eu não entendo é o seguinte: eu nunca precisei de uma bola de algodão.

Nunca.

Nem uma vez na vida.

E eu também sou um ser humano.

Como é isso?

Nunca quis uma bola de algodão.

Nunca comprei uma bola de algodão.

Nunca tive uma bola de algodão.

Nunca estive numa situação em que tenha pensado: *Uma bola de algodão cairia bem agora. Certamente me tiraria dessa enrascada.*

Mulheres precisam delas.

E não é de uma ou duas.

Precisam de milhares, todo santo dia.

Elas compram em sacolas, tipo aqueles sacões de musgo.

Com umas alças de aço.

São despejados no quintal com uma empilhadeira.

Dois dias depois, elas terminam de usar tudo.

E voltam à loja para comprar mais bolas de algodão.

Nas únicas vezes em que eu as vejo, há sempre duas ou três no fundo da cestinha de lixo, que parecem ter passado por alguma experiência horrível.

Torturadas, interrogadas.

Sei lá o que vocês fizeram com elas.

Uma mulher certa vez deixou três bolas de algodão lá em casa.

Levei um ano para me livrar delas.

Joguei uma no chão da cozinha.

Achei que de repente as baratas veriam.

Confundiriam com um rolo de feno e diriam:

“Essa cidade acabou, vamos embora.”

Ou então eu ia ao médico.

Antes de darem a injeção, eles passam álcool no seu braço com uma bola de algodão.

Quando ele ia pegar uma, eu dizia:

“Quer usar essa aqui? Na boa, doutor, quebra esse galho. Estou tentando acabar com elas.”

Às vezes ele usava.

Me dava um centavo de desconto na conta.

Aí me dava o remédio.

Eu levava para casa.

Abria o frasco.

Outra bola de algodão lá dentro.

O Sindicato das Bolas de Algodão estava sempre um passo à frente.

Cachorros em carros

Adoro levar meu cachorro para passear de carro.

Só que é sempre uma confusão nas curvas.

Ele não entende a lei da inércia.

As patas ficam tensas e trêmulas.

O que tá acontecendo aqui...? O que é isso?

Ele não sabe se levanta ou se fica sentado.

Cachorros gostam de carro porque, quando vistos de fora, parecem uma pessoa normal sentada do seu lado.

Eles se sentem iguais.

Nos olham, pensam:

Isso é legal.

Assim que é bom.

Acho que a gente devia se sentar junto assim o tempo todo.

Mas em cada curva ele desaparece de vista.

Até conseguir se levantar de novo.

Não entendo por que cachorros sempre enfiam a cabeça para fora da janela.

Acho que imaginam:

Se eu pudesse correr rápido assim, seria o Rei dos Cachorros.

Quando você leva seu cachorro para passear e ver o mundo lá fora, ele fica impressionado com tudo o que você é capaz de fazer.

A qualquer hora do dia em que você sinta fome, é só parar em algum lugar e sair de lá com um hambúrguer.

Isso deixa eles impressionados.

Ficam olhando para você com aquela expressão:

Onde você conseguiu isso...?

Não são cinco e meia.

Estamos no meio do dia.

Como você ganhou comida?

Esse troço que você está comendo é a coisa mais maravilhosa que eu já vi.

A grande diferença entre o homem e o animal é uma só: bolsos.

Não é o polegar opositor.

São os bolsos.

Cachorros cavam o chão porque eles estão tentando fazer bolsos.

É isso que impede o reino animal de avançar.

Talvez você diga:

"Então por que o canguru não é a espécie mais avançada? Eles têm bolsos."

É verdade.

Mas eles também têm aqueles bracinhos que não alcançam os bolsos.

"Eu tenho dinheiro para fazer compras.

Só não consigo pegar."

O cereal da vida

Arrogância.

Arrogância demais.

Em todos os lugares.

Até na indústria alimentícia.

Quem nesse mundo tem o desplante

de chamar um cereal de café da manhã de LIFE [vida]?

O que é que eles enxergam naquele cerealzinho quadrado de aveia para pensarem em batizá-lo com o nome da nossa própria existência?

"Que tal Aveítos, Quadraditos, Marronzitos?"

"Ah, não! Isso é algo muito maior.

Isso aqui é VIDA, estou te dizendo.

É VIDA."

Que outros nomes eles teriam considerado?

"Deus Todo-Poderoso", talvez?

Vai ver esteve no páreo.

Quem não iria querer, logo ao acordar, um tigelão de "Deus Todo-Poderoso"?

Ou o novo "Deus Todo-Poderoso com Passas"?

Quem não gostar que vá para o inferno.

Espelho de periquito

Minha mãe vivia me falando sobre tudo o que pretendia fazer na sala.

Essa era a obsessão dela.

Ela ia dar um jeito na sala.

“Quero mudar essa sala.”

Minha mãe dizia assim:

“Sabe, se a gente puser um espelho numa parede da sala, as pessoas vão achar que ela dobrou de tamanho.”

Ela acreditava nisso.

Que espécie de idiota caminha na direção de um espelho pensando:

Ih, olha lá, tem uma outra sala. E tem um cara nela igualzinho a mim!

Meu periquito caía nessa.

Eu deixava ele sair da gaiola.

Ele saía voando e “BUM!”, direto no espelho.

Com aquela cabecinha tão macia na frente.

E as penas saíam voando.

Ele caía no chão.

E depois saía voando meio zonzo na direção contrária.

Mas mesmo que ele ache que o espelho é outra sala, por que pelo menos não tenta evitar trombar com o OUTRO periquito?

“Olha lá! Sobe!”

Cadê a perspectiva aérea e essas coisas que os pássaros têm?

Tem outro periquito vindo na sua direção!

Os trilhos do bonde da ilha Roosevelt

Vi que acabaram de colocar os trilhos do bonde da ilha Roosevelt.

Que legal...

A cidade indo à falência,

e eles montando um brinquedo novo.

Daqui a pouco vão colocar uma montanha-russa no sul do Bronx.

Vai ser a primeira montanha-russa do mundo em que as pessoas vão gritar mesmo é quando estiverem na altura do chão.

A série de TV do Super-Homem

Pra mim,

quando eu era criança,

a série do Super-Homem era provavelmente a melhor já produzida em toda a história da televisão.

Já viram aquilo depois de velhos?

A gente fica pensando: *Será que eu ficava louco todo dia por meia hora?*

Não há na série inteira um milésimo de segundo verossímil.

O *Planeta Diário*. O jornal.

O periódico de maior circulação em toda a cidade.

Eles só tinham três repórteres.

A cada semana, dois deles acabavam amarrados numa caverna em algum canto.

Sempre quis que o Super-Homem um dia chegasse para a Lois e o Jimmy:

"Olha só, vocês não estão ajudando em nada. Só complicam o meu trabalho. Dá para vocês deixarem eu cuidar dos meliantes? Na boa, eu dou conta."

O Super-Homem e o Clark Kent são a mesma pessoa.

Mas ninguém sabe por causa da identidade secreta.

Qual é o disfarce?

Um par de óculos.

Só isso.

Nenhuma outra diferença entre aqueles dois rostos.

Jimmy Olsen e Lois Lane. Jornalistas profissionais.

Capazes de observar e analisar cada detalhe do seu entorno.

Não percebem semelhança alguma.

Aos olhos treinados dos dois jornalistas, Clark e Super-Homem são duas pessoas totalmente diferentes.

Se um amigo seu compra um par de óculos novo...

Por um acaso fica impossível reconhecê-lo?

Não tinha nem lente na armação dos óculos do Clark Kent!

Ele enfiava o dedo no meio dos óculos para coçar o olho!

E o uniforme de super-herói que o Clark Kent usava debaixo da roupa de trabalho?

A gente via ele rasgar a camisa.

E as botas de Super-Homem?

Elas ficam dentro dos sapatos? Como é que isso funciona?

"Ih, o Clark está usando de novo aquelas meias de couro vermelhas."

Jimmy Olsen nunca desconfiou de nada vendo o Clark Kent no banheiro masculino?

(Mijando na clássica pose de Super-Homem, com os punhos na cintura.)

Jerry Seinfeld revisita suas quase cinco décadas na comédia stand-up e oferece em livro uma seleção com os melhores textos de sua carreira

Quando criam algum material novo, todos os comediantes perguntam a mesma coisa entre si antes de mostrá-lo ao público: “Será que isso presta?”

Jerry Seinfeld vem fazendo essa pergunta desde os 21 anos, quando chegou pela primeira vez ao Catch a Rising Star, templo da comédia stand-up de Nova York, durante uma noite de testes em 1975.

Desde então, Seinfeld se tornou não apenas uma referência mundial no stand-up, mas o criador do seriado que leva o seu nome, considerado por muitos a melhor comédia já feita para a televisão. A vida o conduziu também para outros projetos, e hoje ele comanda um divertido programa de entrevistas com outros comediantes famosos. Mas, no fim das contas, o destino sempre arranjou um jeito de fazê-lo voltar aos palcos, de cara limpa, com um microfone na mão e uma plateia de desconhecidos. “A razão de ser do stand-up é a busca de um momento fugaz de conexão humana”, revela Seinfeld sobre a sua maior paixão.

Será que isso presta? é um compilado monumental da produção de Seinfeld em suas cinco décadas de dedicação ao stand-up. Em diversos aspectos, é também uma autobiografia contada por meio de suas piadas, uma tirada genial após a outra. Uma obra definitiva para todo mundo que aprecia a linguagem universal do humor.

SAIBA MAIS EM:
www.intrinseca.com.br/livro/1036/

Anos 70

Anos 80

Anos 90

Anos 00

Anos 10